

# Seamus Heaney – Seguidor

Meu pai lavrava com charrua e cavalo.  
Os ombros redondos como velas pandos  
Entre os varais e o sulco. Bastava um estalo  
De língua e os cavalos iam forcejando.

Um conhecedor. Colocava a travessa  
E ajustava a relha de aço agudo e vivo.  
Rolavam sem quebrar os torrões de terra.  
Na borda do campo, a um tirão imprevisto

De rédeas, a junta suarenta virava  
E voltava para o terreno. Ele  
Estreitava um olho a fitar a lavra,  
Traçando o sulco exatamente.

Eu tropeçava nas pegadas das botas,  
Caía às vezes na céspede luzida;  
Às vezes ele levava-me nas costas  
Descendo e subindo ao ritmo da lida

Eu queria crescer e lavrar,  
Fechar um olho, firmar os braços.  
Tudo o que fiz foi seguir sem parar  
Pela fazenda à sombra de seus passos.

Um estorvo, falante, falseando,  
Caindo sempre. Mas agora  
É meu pai que vive tropeçando  
Atrás de mim, e não vai embora.

**Seamus Heaney, Poemas**